

Educação na pandemia: um ato responsável para tocar corações

BRUNA ALMEIDA*

Resumo: O presente artigo tem como proposta explicitar uma das possibilidades de se fazer Educação fundamentada na responsabilidade de nossa presença enquanto professoras e professores na relação com estudantes, firmando a construção de uma sociedade mais democrática, assegurando liberdades de ser e estar nesse mundo e seus direitos inerentes a espaços equânimes. Dessa forma, o Tocando Corações surge diante do contexto pandêmico, em 2020, como um projeto de envolvimento no Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Cora Coralina, na cidade de Duque de Caxias/RJ. Um projeto que valoriza os cotidianos, as identidades, empoderamentos e emancipações, baseado em uma Educação como agente transformador de realidades e veículo de fortalecimento de laços solidários, inspirando atos de responsabilidade social. Por meio de vídeos e livros digitais informativos, fazendo circular os materiais criados por estudantes e ex-estudantes nas redes sociais/virtuais, como forma de propagação positiva para o público em geral, um dos objetivos do projeto é de que, mediante conhecimento/arte, existisse um fortalecimento recíproco de combate a COVID-19 e seus desdobramentos tanto sociais, quanto políticos e econômicos, assim como tudo que se referisse a precarização da vida como um todo. São jovens, estudantes, livres e diversos em potencialidades que criam as bonitezas político-poéticas na luta contra o desencantamento da vida, enfatizando, em ações, que através de elos comunitários, é possível transformar de alguma forma a realidade.

Palavras-chave: Educação; COVID-19; Baixada Fluminense.

Education in pandemic: a responsible act to touch hearts

Abstract: This article aims to explain one of the possibilities of providing Education based on the responsibility of our presence as teachers in relationships with students, establishing the construction of a more democratic society, ensuring freedoms of being in this world and their inherent rights. In this way, Tocando Corações emerged in the pandemic context, in 2020, as an involvement project at the Integrated Center for Public Education (CIEP) Cora Coralina, in the city of Duque de Caxias/RJ. A project that values everyday life, identities, empowerment and emancipation, based on Education as an agent that transforms realities and a vehicle for strengthening solidarity bonds, inspiring acts of social responsibility. Through informative videos and digital books, circulating materials created by students and former students on social/virtual networks, as a form of positive propagation to the general public, one of the objectives of the project is that, through knowledge/art, there was a reciprocal strengthening of the fight against COVID-19 and its social, political and economic consequences, as well as everything that referred to the precariousness of life as a whole. They are young, students, free and diverse in potential who create political-poetic beauty in the fight against the disenchantment of life, emphasizing, in actions, that through community links, it is possible to transform reality in some way.

Key words: Education; COVID-19; Baixada Fluminense.



* **BRUNA ALMEIDA** é Mestra em Educação pelo PPGECC (UERJ); Professora concursada de Sociologia na Rede Pública Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Idealizadora e coordenadora do Projeto "Tocando Corações", realizado no CIEP 032 Cora Coralina, na cidade de Duque de Caxias/RJ. Integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Cultural "A Cor da Baixada" (CNPq/UERJ).

1. Introdução

De forma diversificada, a Educação pode ser feita por caminhos plurais e inacabados, através de uma perspectiva dialógica. Assim sendo, ao contexto pandêmico instaurado nos anos de 2020 e 2021, gerando aulas online, lançam-se, também, novas possibilidades de produções de conhecimentos em conjunto com todo corpo discente e quem mais se disponibilizasse a esta tarefa de ressignificações e ações em relações saudáveis, equilibradas e potentes a favor da vida em sua pluralidade.

Com o comunicado de fechamento das escolas e a necessidade do isolamento social, muitas questões foram postas para a sociedade e dentre elas, a Educação. Como dar prosseguimento as aulas através de plataformas online propostas pela Secretaria de Educação, como o *Google Classroom* e, posteriormente, *Applique-se?* Estudantes sem acesso à internet, com pacotes reduzidos de dados móveis para acompanhar todas as atividades e possíveis videoaulas. A dificuldade, inclusive, se dava até na comunicação da escola com estudantes no que se refere a entrega dos kits de alimentação.

Para uma reflexão mais contextualizada, é possível verificar no Mapa da Desigualdade 2020, os pontos de acesso à internet banda larga fixa em relação ao número de domicílios, mostrando que, segundo o IBGE, 20,3% dos domicílios na Região Metropolitana do Rio de Janeiro apenas usam internet móvel, o que ratifica ainda mais a problemática do acesso à plataforma usada pela escola, sendo a cidade de Duque de Caxias com a porcentagem de 41,8% da população com rede fixa de internet, de acordo com a Anatel.

Desânimos, falta de interesse enfatizada pelo contexto caótico, problemas de ordem financeira, doenças e perdas familiares deram o tom do cotidiano desses e dessas jovens estudantes. Planejadas as primeiras aulas virtuais, com textos, áudios explicativos gravados para inserir nos slides objetivando uma melhor compreensão de estudantes do Ensino Médio, marcação de videoaulas e propostas de atividades, tudo isso gerou incômodos. Com o passar de algumas poucas semanas, o acesso discente foi diminuindo e novos problemas eram informados pela direção da escola: professores lançando conteúdos demasiados na plataforma, estudantes sem entender diversas disciplinas, boicote à sala de aula virtual, familiares morrendo, contaminações aumentando, violências domésticas e tentativas de suicídio permearam as notícias; tivemos, inclusive, um estudante morto pela COVID-19 e algumas professoras contaminadas no início da pandemia.

Diante dessa problemática e trocando angústias, preocupações e possibilidades com a professora Sylvania Brito, propus juntar, a princípio, nossas disciplinas (Sociologia e História) para criar uma atividade fora da plataforma que pudesse ter maior engajamento de estudantes em prol de uma consciência coletiva. Em seguida, a professora Lady Almeida juntou-se a nós para as confluências da Filosofia nas possibilidades de ações. A ideia foi um auxílio mútuo diante da nova realidade vivida. Através da ludicidade, portanto, estudantes produziram materiais em forma de imagens, vídeos (onde poderiam protagonizar, corporificando sua presença), histórias (podendo ser do próprio cotidiano periférico diante da pandemia), poesias, desenhos, músicas e o que mais surgisse da criatividade. O intuito posterior, seria

fazer circular esses materiais, nos meios sociais/virtuais, como forma de propagação positiva para o público em geral, com a finalidade de que, por meio do conhecimento/arte, existisse um fortalecimento mútuo de combate a COVID-19 e seus desdobramentos (políticos, econômicos e sociais). Interessante perceber os aprendizados obtidos nos debates e criações, além da vontade de compartilhar os materiais criados orgulhosamente pelos grupos.

2. Um pouco da trajetória do projeto

Com o amadurecimento rápido das ideias e a empolgação nesta atividade em conjunto, convocamos um encontro online com estudantes do Ensino Médio e quem mais pudesse participar para dialogarmos sobre as possibilidades de criações e meio de divulgá-las.

Como, geralmente, o WhatsApp faz parte de aplicativos ilimitados, existiria maior possibilidade de acesso e comunicação entre nós, sendo assim, após a reunião, criamos um grupo e o projeto foi intitulado Tocando Corações, inspirado pelos versos da poetisa brasileira Cora Coralina que dá nome à Instituição. *“Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós, mas nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos o coração das pessoas”*.

Somaram-se estudantes e ex-estudantes no grupo, tendo em vista a importância, também, destes/as como parte da história da escola que tem como um de seus papéis, o diálogo com a comunidade, trabalhando dentro e fora dos muros do Centro Integrado de Educação Pública; essa foi a proposta no convite de participação do Tocando Corações.

Para integrar o projeto, bastava estar disponível ao exercício do diálogo, a busca por possibilidades outras de entendimento da diversidade, exercitar a

criatividade e o senso comunitário. Uma pessoa, estudante do Ensino Médio, lembrava de outra que poderia auxiliar no grupo de alguma forma e surgia o convite. Professoras lembrando de ex-estudantes que poderiam contribuir; estudantes sem conseguir acesso à plataforma e à própria escola, precisando de notas... tudo poderia virar uma oportunidade de fazer parte do Tocando Corações, pois a divulgação da existência do projeto era precária. Por outro lado, as atividades tinham fluidez e de duas em duas semanas materiais novos eram lançados nas redes sociais/virtuais. Ninguém era obrigado a permanecer, porém, cerca de trinta pessoas (estudantes e ex-estudantes) sustentaram a existência dessa prática pedagógica durante dois anos.

Começamos a discutir temas específicos como, por exemplo, o acesso à Universidade e a questão de adiamento necessário do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); o aumento da violência doméstica em tempos de isolamento social; Meio Ambiente e os Povos Indígenas; abordamos questões como o reconhecimento do próprio lugar de vivência de estudantes da escola, incentivando as pesquisas e a percepção de influências da origem de nomes como Saracuruna, Imbariê, Guapimirim, Suruí, advindos do tronco linguístico tupi-guarani, com auxílio da professora Marize Vieira, indígena Guarani. Além disso, lançamos à reflexão o próprio cotidiano da Baixada Fluminense em tempos de pandemia, como moradores e moradoras vivenciavam essa realidade e quais as problemáticas envolvidas em suas lutas diárias. São corpos periféricos que gingam frente as violências coloniais, trazendo à tona saberes que ficam à margem da sociedade em detrimento daqueles que estão na hegemonia do poder.

A princípio, após discussões em grupo, um estudante ficou responsável por criar um prospecto do projeto e um ex-estudante, inspirado na questão da mortandade da população negra, criou o desenho oficial. Elaboramos, a partir disso, uma página¹ para divulgação dos materiais produzidos por esses/as jovens a fim de que pudéssemos manter os vínculos essenciais da trajetória de vida, atravessando em conjunto esses momentos difíceis. Através, portanto, de variadas formas de expressão, o objetivo da página foi a divulgação de materiais pertinentes ao contexto; informativos e solidários para auxílios recíprocos, pois a própria pessoa autora do material sentia-se fortalecida à luz do conhecimento e da possibilidade de tocar outra pessoa de alguma forma. São jovens estudantes, livres e diversos/as em potencialidades que criam as bonitezas poéticas na luta contra o desencantamento da vida, enfatizando, em ações, que através do fortalecimento de laços de solidariedade, é possível construir uma realidade melhor.

Após um dos integrantes do grupo do projeto enviar as primeiras filmagens de seu cotidiano na Baixada, mostrando a necessidade de sair para trabalhar e o que enfrentava nessas saídas, sugeri que fizéssemos uma abertura musical para todos os materiais produzidos; com as ideias trocadas, criamos uns versos que este ex-estudante gravou como um *RAP*.

Nessa temática da história do cotidiano da Baixada Fluminense em tempos de pandemia, integrantes do projeto relatavam o que estava acontecendo nas ruas por onde precisavam circular; filas enormes da Caixa Econômica, confusão

por vendas de lugar nessas filas em busca do direito disponibilizado à população de baixa renda; calçadas cheias; a falta de responsabilidade social, tanto na ausência do uso de máscara quanto nas inaugurações de praças e ruas asfaltadas por políticos locais, incentivando, portanto, aglomerações. Em tempos de propagandas eleitorais, foram feitas carreatas, comícios, discursos junto ao povo, sem uso de máscara e distância de segurança; pareciam mundos completamente opostos; em um deles a pandemia ainda matando milhares, no outro, já superadas as muitas mortes, azarados/as, vulneráveis ainda sofrendo, algo que fez parte da tal “normalidade” dita e empurrada para nós.

Poesias surgiram, novas ideias de temáticas a serem abordadas, discussões de roteiros para edição de vídeos e alguns encontros online. A cada temática, um novo grupo, desmembrado do oficial, é criado para quem quiser participar da elaboração e desenvolver o debate sobre o assunto.

Muitos estudantes, timidamente, abriam diálogos comigo de forma particular no WhatsApp ou no Messenger da rede social Facebook, questionando alguns pontos da Sociologia, sendo, então, uma ótima oportunidade para incentivar na participação do projeto, assim como também fazia nas correções de tarefas no *Google Classroom*. Depois de conversas e explicações mais detalhadas sobre a importância do projeto e da participação, novos e novas estudantes mostravam-se dispostos/as a entrar na proposta, mas não sabiam como e não se achavam capazes de desenvolver um material. Algumas meninas, por exemplo, diziam não querer aparecer em gravações e por isso, também, não se viam sendo necessárias para qualquer colaboração que fosse.

¹

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100046873120721>

A partir disso, novas ideias a fim de expandir as possibilidades foram postas, mostrando para esses/as jovens suas potencialidades em ações diferentes: um roteiro, uma história, desenhos, pesquisas, discussões, novas temáticas propostas, textos, músicas, poesias, *rap*, cooperações.

Diante das aulas de História sobre segunda Guerra Mundial e o surgimento de super-heróis e heroínas, integrantes do terceiro ano foram incentivados a criar histórias e as respectivas personagens desenhadas de heróis e heroínas atuais.

Foram inúmeros materiais interessantes, onde foi possível, também, perceber as angústias e otimismo de cada pessoa introjetados nas histórias. São personagens do cotidiano, médicas, orixás, enfermeiros e seus superpoderes de, por exemplo, fazer máscaras surgirem àqueles/as que insistiam em descumprir os protocolos dos Órgãos de Saúde e a mais aguardada fórmula da cura diante do inimigo invisível. Todas essas histórias permeadas pela importância da responsabilidade social.

Com tudo que a pandemia arremessou na nossa frente, em seus desdobramentos, dando mais visibilidade aos problemas sociais enfrentados por aqueles/as que moram nas periferias, foi possível perceber que o ritmo acelerado de contágios e as mortes pela COVID-19 dependiam, também, de uma série de fatores como, por exemplo, a localização, as condições de moradia, condições sanitárias e econômicas, tendo explícito o fato de que as possibilidades de informações, enfrentamentos e superação dessa problemática, não eram iguais para toda a população.

A pandemia, instiga inúmeras reflexões, inclusive sobre a própria questão

habitacional, as casas pequenas e suas numerosas famílias, com precariedades múltiplas, devido as bases desiguais que as geraram. Isso leva a temática de que uma parcela da população não possui moradias dignas; junta-se a isso, o descaso do poder público, a dificuldade dos direitos sociais, enfatizados pela política de morte, escancarada nos incentivos ao trabalho, nas flexibilidades irresponsáveis, nas dificuldades de auxílios emergenciais diante da batalha travada entre a economia e a vida de corpos sujeitos as mais variadas formas de violência pelo Estado.

Dentro dessa perspectiva, em uma das conversas com um ex-estudante participante assíduo do projeto da escola, depois que enviou seu vídeo para a edição e compilação do material que estava sendo desenvolvido, o rapaz comenta sobre algumas de suas experiências nesses tempos difíceis, dizendo que estava naquele dia ajudando a levantar algumas paredes de uma casa que havia sido destruída por um incêndio. O menino narrou que foi feita uma vaquinha para que a dona da casa pudesse ir reconstruindo o que o fogo levou em meio a esse momento delicado em nossa história. É o famoso “*nós por nós*” das favelas e periferias, as redes de solidariedade que buscam, de alguma forma, dar conta do que seria o dever dos Órgãos Governamentais, transformar os recursos em prol da vida do povo, em geral, mas o que acontece é uma calculada prioridade pautada em um discurso de escassez, sendo assim, é preciso fazer algo para que não se morra de fome, sede, frio, tiro ou coronavírus nas áreas mais pobres da cidade. É a defesa da vida a prioridade e tudo que se relaciona com ela na luta contra os desencantamentos tão acentuados por Rufino e Simas (2020), onde debatem um adoecimento do ser humano, a perda

de vivacidade, o cativo dos corpos como consequência da lógica de dominação, da política, que tem produzido incessantemente mortandades, imposta em uma sociedade baseada na raça, no gênero, na heteronormatividade, no capital.

Outro exemplo, diante dessa realidade, foi a justificativa de um estudante pela demora na entrega de seu material sobre a temática discutida. O argumento é morar em uma casa com várias pessoas e o silêncio era algo incomum nas constantes movimentações, sendo assim, talvez conseguisse em alguma noite mais calma, afirmou. Nessa mesma lógica, outra estudante enfatizou sua problemática em se integrar no grupo de *WhatsApp*, devido a sua rotina; tentava estudar, trabalhando em uma barraca de açaí e no fim do dia, vendendo bolos em uma praça.

Nos debates e criações de materiais, foi possível perceber as problemáticas expostas e dentre elas, a violência doméstica, o medo, a incerteza, conflitos familiares, o aumento do trabalho e a crença na incapacidade de se alcançar um sonho, o acesso à Universidade. Estudantes encontraram, nas atividades de Sociologia e no projeto Tocando Corações como um todo, uma forma de descrever seus próprios cotidianos e experiências de vida, principalmente, diante do que foi o contexto pandêmico. Foram postas, portanto, as possíveis “trajetórias quebradas”, na definição do sociólogo Tiajaru D’Andrea, cercadas de entraves, imprevistos, dificuldades, distâncias físicas, sociais, econômicas e culturais. Lendo, trocando informações e incentivando cada sujeito e sujeita periférica (D’ANDREA, 2020) nessas tarefas escolares, torcemos sempre para que essas trajetórias não se rompam no processo da vida na periferia.

3. Afetamentos nas experiências produtivas

Não foi fácil conseguir o engajamento de estudantes para esse projeto, muitos diálogos, convites, exemplos com materiais já produzidos formam base para a sustentação do Tocando Corações. Muitos estudantes, no início, esboçaram variadas ideias de produções, empolgados com a possibilidade de mostrarem-se ativos nas lutas e estudos, contribuindo de alguma forma para o conhecimento da realidade vivida e a possibilidade de minimizarem as mazelas através de laços de solidariedade e afetos. Porém, dias depois, o desânimo tomava conta e a desistência viria, por consequência. A pontuação em disciplina, a princípio, não foi exaltada, porém, é algo implícito por consequência do envolvimento de alguma atividade; diante disso, foi muito bonito receber o áudio de um ex-estudante dizendo: “*O importante é passar a visão que, mesmo sendo ex-aluno, a gente tá na atividade e não tá ganhando nada de questão de ponto, mas em questão de sabedoria e troca de experiência*”.

Revisando e revivendo os materiais produzidos, em meio a todas as dificuldades do caminho, é encantador e gratificante perceber o potencial da juventude e a responsabilidade da Educação no sentido da troca, da escuta, da persistência e disponibilidade para com o outro, na prática da desconstrução de cativos ainda enraizados pelo colonialismo, operando na domesticação dos corpos, na mutilação de seres, no desencantamento do mundo (RUFINO; SIMAS 2018); esquecendo, nessa correria capitalista, individualista e competitiva, o que é o ser humano e os seres diversos que compõem o grande todo existencial, o que Ailton Krenak (2020) nos chama

atenção ao dizer que parecemos crianças brincando sem parar e desatentas às consequências de irresponsabilidades, destruindo o planeta e enfatizando cada vez mais as desigualdades já tão exacerbadas na sociedade, onde a quarentena imposta pelo vírus tornou mais visíveis as injustiças, discriminações e exclusões.

Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. (KRENAK, 2020, p.5)

Caminhando nessa trajetória de encruzilhadas (RUFINO, 2019), como possibilidades, fluxos e encontros diversos, uma estudante do terceiro ano, em determinada aula online, expôs seu contentamento ao participar das discussões e materiais produzidos no Tocando Corações. Argumentou que essa oportunidade de novas práticas e exposições, deu a ela a vivacidade de continuar seus questionamentos, buscas e estudos dentro de temáticas que já eram de seu interesse e, de acordo com suas próprias palavras em um áudio no WhatsApp, serviu como mais um método de auxílio para o equilíbrio de sua saúde mental em tempos de isolamento e na sua própria construção social.

Outro exemplo interessante nesse desdobramento, foi a poesia de uma estudante que cursava o primeiro ano do Ensino Médio. Em uma tarde, após debates no grupo virtual, enviou uma mensagem, de forma privada, dizendo que escreveu sobre a morte do menino Miguel que estava na casa da empregadora de sua mãe, enquanto esta, teve de sair para passear com o cachorro, o menino pegou o elevador a procura de sua mãe e caiu do nono

andar desse prédio. A estudante afirmou que gostaria de minha leitura prévia por não se sentir segura com sua escrita. Diante de mim, então, abria-se uma potência de encantamento e consciência crítica no sentido de refletir e levar a problemática ao limite, desnaturalizando os fatos.

Expondo a ela a aprovação e entusiasmo, indaguei como gostaria de produzir um material com essa poesia para ser publicado na página do projeto e divulgado nas redes sociais/virtuais; de pronto, a menina sugeriu a possibilidade do ex-estudante que fez parte da composição da música de abertura do projeto, declamar sua poesia. O convite o deixou imensamente feliz, afirmando ter se afetado, também, com a leitura da poesia, revendo-se em bons momentos vividos com versos e *RAP's* na rua.

Após o compartilhamento dessa poesia intitulada Revolução, a autora escreveu no grupo principal do projeto: *“É um grande prazer ver alguém lendo o que eu escrevi, uma coisa que, de outra forma, ficaria guardada apenas pra mim. Esse projeto tem, realmente, um significado muito grande”*.

A alegria em ver e compartilhar um material pronto pode surtir o efeito do contágio positivo, do sentimento de orgulho e desejo de continuar pela própria sensação que se tem ao produzir, foi assim que este ex-estudante expôs sua satisfação em fazer parte do projeto e a vontade de reler poesias que o tocam de alguma forma, para tocar o coração de outras pessoas, também; além de criar seus próprios versos no que diz ser uma poesia marginal.

Aí tu me diz como é que pode
Em época de pandemia
Vivermos revolução!?

Sendo que ou você luta por seus direitos
Ou fica em casa com proteção
E como pode mais um preto morto?
É só mais um número, virou estatística
Agora é só mais um corpo
Como pode em época de pandemia
Vivermos revolução!?
Sair pra protestar de máscara
E álcool em gel na mão!
E como pode aquele assassinato lá?
Onde a empregada saiu com o cachorro pra passear
E quando volta pro apê da madame
Seu filho não tá mais lá
Como pode a mulher do prefeito
Mandar uma criança pro nono andar?!
Agora assume o fato
O juiz diz que foi acidente
Mas, o povo grita “assassinato!”
E a madame diz que paga
Nessa todos os burgueses saem ileso
Mas, fique sabendo
Não tem dinheiro no mundo
Que faça nossa vida ter preço!
(Poesia “Revolução”, escrita pela estudante Júlia Rocha)

As vivências podem ser potentes bases geradoras de olhares político-poéticos para o cotidiano. Gomes (2016) argumenta que a poesia para existir precisa de uma dimensão de concretude no que diz respeito ao próprio discurso e assemelha isso a uma laje, o espaço de sociabilidade, festa e olhares múltiplos; construções na precariedade dos espaços relegados às populações mais pobres; como aquele mirante de Faustine (2009) no Cesarão², após a mudança da Baixada Fluminense, em suas descrições de afeto à periferia, olhando lá do alto toda a comunidade, o pôr do sol, as movimentações de quem foi atrás do sustento diário, as crianças e adolescentes em uma apropriação do

lugar na luta em prol do encantamento da vida.

Contamos, também, com materiais onde foram contadas as trajetórias de Conceição Evaristo, Cacique Raoni, Carolina Maria de Jesus, Tereza de Benguela, dentre outras personalidades negras e indígenas com a série intitulada “*Você me conhece?*”.

“*Fala*” foi, também, a proposta de estudantes reivindicarem sua própria existência (FANON, 2008), através de suas narrativas de vida!

Fala!
Importante meio de ações
Fala!
Instrumento de reivindicações
Fala!
Fundamento do próprio existir
Fala!
É um mergulho, vamos emergir!
Fala! Fala! Fala!
(Letra escrita pela professora Bruna Almeida)

4. Considerações

O alargamento de experiências sociais pode gerar frutos de resistências, reconstruções, (re)existências e fortalecimentos, baseados em potencialidades e saberes múltiplos. Além disso, estudantes têm a liberdade de expressarem-se sem as amarras de cristalizações e preconceitos em sua criatividade, linguagens, diálogos, contraposições; transpondo a barreira do medo, da insegurança, exclusão e indiferença, a fim de reafirmar os alicerces do respeito à diversidade e o direito de cada indivíduo no meio social. A mediação docente foi dada com o intuito de organizações, motivações, trocas, inserções na temática do projeto, vislumbrando caminhos emancipatórios (FREIRE, 1996); sendo, portanto, uma orientação ética e plural. Nesse sentido, o fundamento é problematizar a realidade

² Comunidade localizada em Santa Cruz, na cidade do Rio de Janeiro.

de estudantes e ex-estudantes, inspirando a percepção da Educação, em suas variadas vertentes, como tendo um papel importantíssimo no processo de emancipação e liberdade dos indivíduos, produzindo suas ações político-poéticas na sociedade. E nesse ato de responsabilidade que temos diante da Educação, são bastante pertinentes as produções traduzidas por suas próprias bagagens culturais, vivências, experiências e formas de praticar a vida com o objetivo dos fortalecimentos de laços de solidariedade e esperança, aliadas à consciência coletiva, responsabilidade social, as reflexões e ações críticas.

Inspiradas nas considerações do professor e pedagogo Luiz Rufino (2019), a escola pode ser percebida e praticada como um espaço para constituir-se sentido na simplicidade do cotidiano, das miudezas (SIMAS, 2013), daquilo que, de fato, nos faz vibrar enquanto existências vivas, e não apenas uma ânsia de produzir diplomas e certificados para “ser alguém”(?) e sobreviver em um contexto trabalhista qualquer, aniquilador de corpos, de seres. Educação como possibilidade.

Imagem 01 – Desenho
Oficial do projeto Tocando
Corações



Fonte: Acervo pessoal,
2020

O desenho acima, criado pelo ex-estudante Alexandre Ohnesorge, em maio de 2020, compõe a foto de perfil da página do projeto Tocando Corações e foi inspirado na reflexão da mortalidade da população negra. O tapete é o alvo; sendo o alvo, em si, todo corpo negro.

Poxa, professora, no meu ver do desenho é o seguinte: o nome do grupo, do projeto é Tocando Corações e quando fala em tocar, eu penso em música; geralmente a gente ouve muitas músicas que tocam o nosso coração ou nosso sentimento na hora. E assim como esse caso do João Pedro aconteceu e tocou muito a gente, como o da Ágata; de todas essas pessoas que moram na favela, negros, que comove o coração com esses tipos de caso, eu pensei em colocar ele tocando esse violão para representar isso [...] (Trecho do áudio enviado pelo ex-estudante Alexandre Ohnesorge explicando sua criação)

Imagem 02 – Prospecto do projeto Tocando Corações



Fonte: Acervo pessoal, 2020

O prospecto acima, capa da página do projeto no Facebook, foi elaborado pelo estudante do terceiro ano João Cabral. A juventude pulsa em suas potências! O Tocando Corações foi um respiro revigorante em meio a tanta precarização da vida, sendo, portando, uma das possibilidades de reencantamento das trajetórias múltiplas desses corpos periféricos montados de sabedorias outras que não estão apenas estipuladas em currais curriculares que aprisionam e domesticam, que hierarquizam e tornam marginais tudo aquilo que não se enquadra em determinada e única lógica (imposta) de ser e estar no mundo.

A periferia ensina vivências
Sabedoria... É outra coisa
Ano difícil
Reinventando a vida
Vivendo num país
De saúde involuída
Máscara no rosto mudou nosso visual
E a gente vai se adaptando
A nova vida virtual
Nosso estudo tá na tela

Na rua nossa mazela
Movimento intenso
Muitos deles sem cautela
A gente vai seguindo
Sempre atento ao social
Nossa vida tá em jogo
Não é papo banal
Salve a nossa alegria
E o nosso ritual
De ser forte a cada dia
Como o povo ancestral
Queremos essa vacina
Porque é prioridade
Merecemos ser tratados com dignidade
Fé...
(Letra: Miguel Martins e Bruna Almeida)

Em uma responsabilidade mútua objetivando um bem comum, no ideal de uma sala de aula virtual democrática, a implementação do projeto Tocando Corações buscou fazer com que estudantes entendessem que são partes integrantes e fundamentais para a própria existência do projeto; sentindo, portanto, a responsabilidade de contribuir de variadas formas nas propostas, discussões, montagens e

divulgação de todos os materiais criados, incentivando o diálogo, o respeito, transpondo cativéis de medo, indiferença, em uma lógica da pedagogia transformadora (hooks, 2013), fortalecendo o desenvolvimento intelectual crítico de estudantes para uma ênfase na capacidade de se viver de forma livre e plena, reconhecendo e lutando a favor da pluralidade de existências, cismando com as histórias que se querem únicas. (ADICHIE, 2019)

A ex-estudante Ana Beatriz Alves, que também fez estágio no Cora Coralina, foi bastante participativa no projeto e hoje atua como professora de História no Ensino Fundamental, Médio e na Educação de Jovens e Adultos; em sua prática em sala de aula, afirmou ter levado a vivência do Tocando Corações para as turmas: “[...]e aí vou mostrando pra eles nome dos lugares com nomes indígenas porque foi uma ideia que peguei do projeto Tocando Corações, foi muito legal as produções que nós fizemos”.

Rayane Martins, formada em Pedagogia, também é um exemplo da potência que integrou o projeto. Estagiando na escola explicitou que:

[...] toda estrutura do projeto, como foi desenvolvido, elaborado, foi pensado para os alunos e para os ex-alunos, também, como eu; ele foi fundamental pra abrir discussões, temáticas que a gente estava vivenciando, que a gente vivenciou na época. Muitas temáticas foram trazidas por alunos, então, trazer esse espaço onde o aluno é um colaborador efetivo pra educação acontecer foi fundamental até pra me abrir o conhecimento de como é importante escutar esse aluno, escutar essas vivências. Teve RAP, teve poesia, teve coisa muito dinâmica; agora, enquanto

pedagoga, eu quero trazer um pouco dessa realidade, dessas práticas [...] foi muito importante pra minha construção.³

Há possibilidades de recomeço do projeto, outras roupagens, novas propostas a serem, também, lançadas por aqueles e aquelas que já o integraram em algum momento, assim como novos corpos a conhecer, aprender, ensinar, construir coletivamente formas outras de Educação nos saberes/fazeres cotidianos no chão germinante de esperar do CIEP Cora Coralina, na Baixada Fluminense!

Referências

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 1ª edição, 2019.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação**. Educ. Soc., 79: 125-161, 2002.
- D’ANDREA, Tiaraju. **Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitos e sujeitas periféricos**. São Paulo: Dossiê Subjetividades Periféricas, v. 39, n. 1, p. 19-36, 2020.
- FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- FAUSTINE, Marcus Vinícius. **Guia Afetivo da Periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido - 4ª ed. (1ª edição: 1992)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GOMES, Renan Lélis. **Poesia pra encher a laje**. São Paulo: LiteraRUA, 2016.

³ Esse trecho pode ser encontrado no vídeo etnográfico, referente a minha pesquisa de mestrado, disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=rM5AZDejgww&t=14s>

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MAGALHÃES, Alexandre. **As periferias na pandemia: explicitação da política de precarização e de exposição à morte.** Rio Grande do Sul: Tessituras – Revista de Antropologia e Arqueologia, UFPEL, 2020.

Mapa da Desigualdade: Região Metropolitana, 2020 – Realização Casa Fluminense.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. **Encantamento:** sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SIMÃO, Mário Pires. **Como as favelas ajudam a pensar a cidade após a pandemia do coronavírus?** São Gonçalo (RJ): Revista Tamoios, ano 16, n.1, Especial COVID-19, p.50-62, 2020.

Recebido em 2023-10-05

Publicado em 2024-03-06